



*Viaje pelo
Sonho.*



Ficha técnica

PROJETO GERAL

GABINETE DE ARQUITECTURA PAISAGISTA
Francisco Manuel Caldeira Cabral
Elsa Maria De Matos Severino

CONSTRUÇÃO DA 1ª FASE DE OBRA

CONSÓRCIO - ACORIL / CME

CONSTRUÇÃO DA 2ª FASE DE OBRA

CONSÓRCIO - EDIFER / ARTEMISIA

TEMPLO DA POESIA

INTERGAUP

ENTIDADES CONSULTADAS PARA DEFINIÇÃO DOS POETAS

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA
BIBLIOTECA NACIONAL
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

EMBAIXADAS E OU CASAS DE CULTURA
DOS PAÍSES OU TERRITÓRIOS DE EXPRESSÃO OU CULTURA PORTU-
GUESA
(com especial agradecimento ao escritor Orlando da Costa)

ENTIDADES CONSULTADAS PARA DEFINIÇÃO DOS ESCULTORES

ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CRÍTICOS DE ARTE
FACULDADE DE BELAS ARTES DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS ARTES DO PORTO
EMBAIXADAS E ASSOCIAÇÕES CULTURAIS
(com agradecimento ao SBAFCG e em especial ao professor Manuel
Costa Cabral)

MECENAS DAS ESCULTURAS

ACORIL, Empreiteiros, S.A.
Poeta Camilo Pessanha
AKELLER PORTUGAL, Investimentos Imobiliários, Lda.
Poeta Miguel Torga
ALCIR, Empreendimentos Imobiliários, S.A.
Poeta Alexandre O'Neil
ALRISA, Sociedade Imobiliária, S.A.
Poeta João de Deus
BANCO ESPÍRITO SANTO, S.A.
Poetas Teixeira de Pascoais
e Vitorino Nemésio
BCP, S.A.
Poetisa Marquesa de Alorna
CONSISTE, Consultadoria, Serviços e Comércio de Equipamentos de
Informática, S.A.
Poeta Mário de Sá Carneiro
IGLOOLÁ, Distribuição de Gelados e Ultracongelados, Lda.
Poeta Fernando Pessoa

IMOPOLIS, Sociedade Gestora de Fundos de Investimento Imobiliário, S.A.

Poeta António Ramos Rosa
JOÃO MAIA DOS SANTOS
Poeta Jorge de Sena
MOTA ENGL, SGPS, S.A.
Poeta José Gomes Ferreira
PAPELACO, Sociedade de Representações de Papel e Máquinas de
Escritório, S.A.
Poeta Eugénio de Andrade
PIMENTA E RENDEIRO, Urbanizações e Construções, S.A.
Poetisa Florbela Espanca
SANEST, Saneamento da Costa do Estoril, S.A.
Poeta Alexandre Herculano
SECURITAS, Serviços e Tecnologias de Segurança, S.A.
Poeta Francisco Rodrigues Lobo
SETH, Sociedade de Empreitadas e trabalhos Hidráulicos, Lda.
Poeta Cesário Verde
SILCOGE, Sociedade Construtora de Obras Gerais, S.A.
Poeta Almeida Garrett
e Poetisa Natália Correia
SUC, S.A. – LUIS AGUIAR DE MATOS
Poeta Guerra Junqueiro
TECNOVIA, Sociedade de Empreiteiros, S.A.
Poeta José Régio
TEIXEIRA DUARTE
Poeta António Gedeão
TOMÁS DE OLIVEIRA, S.A.
Poeta Gil Vicente
UNITED BISCUITS IBÉRICA, Lda.
Poeta Antero de Quental
VILA FONTE, Exploração de Centros Comerciais, S.A.
Poetisa Sofia de Mello Breyner Andersen

ESCULTORES

Álvaro Carneiro
Álvaro Raposo de França
António Matos
António Vidigal
Armindo Alípio Pinto
Carlos Marreiros
Clara Menéres
Cristina Ataíde
Dódo das Máscaras
Fernando Conduto
Flávio Miranda
Francisco Brennand
Francisco Menezes
Francisco Simões
Graça Costa Cabral
Gustavo Bastos
Hélder Coelho Batista
Irene Vilar
João Antero
João Cutileiro
João Jorge Duarte
João Oom
José Aurélio
José João Brito
José Rodrigues
Lagoa Henriques
Laranjeira Santos
Leão Lopes
Luísa Perienes

Mário Cravo Júnior
Moisés Preto Paulo
Pedro Cabrita Reis
Pedro Campos Rosado
Rui Matos
Susana Piteira
Zulmiro de Carvalho

ARTÍFICES

Aurimármoreos
Centro Internacional De Escultura
Domingos Avelino Baleia
Gárgula Gótica
Infortipo
Mármoreos Pardal
Metalúrgica Coelhos
Metalúrgica Godinho
Metalúrgica Lage
Socometal / Soares da Costa

INTERVENIENTES DA CMO

GABINETE DE COORDENAÇÃO E DIREÇÃO DO PP
DECPC
DOM

COORDENAÇÃO

GABINETE DE COORDENAÇÃO E DIREÇÃO DO PP
Gisela Duarte

EDIÇÃO

MUNICÍPIO DE OEIRAS ©
GABINETE DE COMUNICAÇÃO
Elisabete Brigadeiro
PRODUÇÃO
Paulo Lourenço e Nuno Martins
DESIGN
Rosa Duarte Pascoal
CONTEÚDOS
Sónia Correia
FOTOGRAFIA
Carmo Montanha e Carlos Santos
IMPRESSÃO
SIG - Sociedade Industrial Gráfica, LDA
TIRAGEM
1000 exemplares
julho 2015



Parque dos Poetas

Viaje pelo sonho.





Pense.

Qual é a melhor parte de um sonho?

Deixar-se transportar para dentro de uma fantasia. Vivê-la como se fosse real.

É essa a melhor parte de um sonho?

Acordar, tomar consciência. Foi só um sonho.

Decidir. Planear. Concretizar.

É essa a melhor parte de um sonho?

O Parque dos Poetas é, na essência, o resultado de um sonho.

Desde logo, o sonho de ver nascer, em Oeiras, um grande parque urbano. Um parque de lazer, de desporto e de cultura.

O que começou por ser uma Alameda dos Poetas, onde estariam representados os vinte poetas portugueses mais relevantes, transformou-se num parque.

Os poetas do século XX transformam-se na poesia, na língua portuguesa, em Portugal e no Mundo.

Agora já não é um sonho. Já não é só um sonho.

Já não é de um apenas. É de muitos. É de todos.

A 18 de julho, despertamos para a concretização do sonho.

A última fase do parque, 27 esculturas, os poetas do Barroco ao Romântico e os de países de expressão portuguesa.

A peça que faltava.

O Parque dos Poetas é o sonho tornado realidade.

O Templo da Poesia. Uma das mais encantadoras imagens sobre a foz do Tejo e o Atlântico.

Um convite à reflexão, à busca interior, à expressão mais profunda dos sentimentos.

À evocação das fantasias e à realização dos sonhos.

No dia 18 de julho, vamos cumprir o sonho.



Paulo Vistas
O Presidente da Câmara

O Projecto

Numa área de 22,5 ha, entre os núcleos urbanos de Paço de Arcos e Oeiras, resultante de uma política municipal de qualificação do território em termos ambientais, urbanísticos e sócio culturais, surge o Parque dos Poetas, um espaço de grande qualidade paisagística, onde podem desenvolver-se atividades de lazer, cultura e desporto.

Trata-se de um espaço estruturante, que em Oeiras integra a criação de uma nova centralidade urbana, tornada uma das áreas mais nobres do Concelho e que permite a valorização das zonas residenciais e o desfrutar de um espaço cultural e recreativo de grande qualidade de vida urbana e ambiental.

Mas mais de que um parque urbano em Oeiras, o Parque dos Poetas, é um espaço onde a história da poesia da língua portuguesa é de uma forma única, contada pelas artes da escultura e dos jardins.

Parte da ideia de homenagear a poesia portuguesa, representada através dos 60 poetas e/ou sua obra, mais representativos, desde a fundação da nacionalidade até ao século XX, incluindo os países e territórios de expressão portuguesa.

É ao longo da Alameda dos Poetas que, através da visão dos 40 mais significativos escultores do nosso tempo do espaço lusófono, a Poesia em Português está indelévelmente representada pelas diversas correntes estéticas da expressão escultórica. Por isso o Parque é o primeiro "museu de ar livre" em Portugal e único e maior repositório da arte pública contemporânea.

A construção do Parque, correspondente a um investimento global de cerca de 40 milhões de Euros, que dada a sua dimensão, foi faseada, ficando concluída a 1ª fase, em Junho de 2003 e a última em Julho de 2015.

De entre os vários percursos e fruição que o Parque proporciona, o da Poesia inicia-se a sul, junto ao viaduto do Espargal, onde ao longo da Alameda dos Poetas, ramificada pelos espaços representativos dos Trovadores aos renascentistas, em número de 13, iniciados por D. Dinis, passando pela Ilha dos Amores e o Lago de Camões, onde uma fonte cibernética proporciona espetáculos de movimento, luz, cor e música, corolário da memória da água através do percurso de um riacho iniciado na velha mãe de água.

Atravessando a Rua Carlos Vieira Ramos, por entre a Alameda, o pequeno Anfiteatro, as Zonas de Estar e o Miradouro, encontramos o Templo da

Poesia, o equipamento mais emblemático do Parque e os Espaços Temáticos dos 17 Poetas do Barroco ao Romântico e ainda os 10 alusivos aos países e territórios de expressão portuguesa.

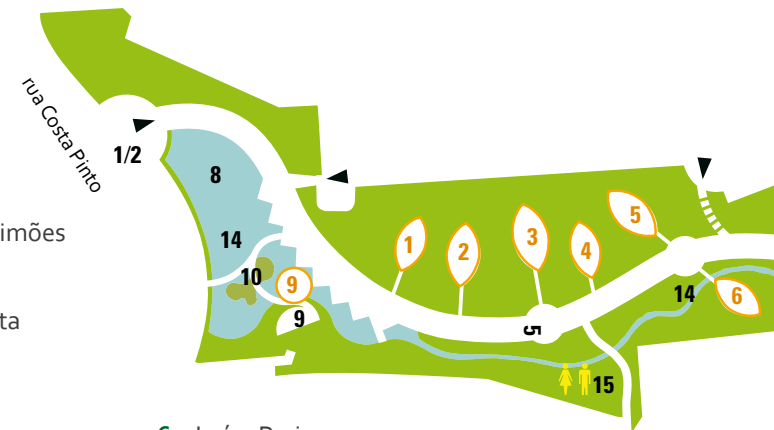
Através da Praça do Túnel, cruzando a Rua S. Salvador da Baía, estende-se a zona mais a norte, que pela Alameda dos Poetas nos leva até à Praça da Água, junto à fonte e onde estão presentes as esculturas dos 20 maiores poetas do século XX.

Aqui, o Anfiteatro, o Bosque da Poesia, o Parque das Merendas, mais uma Fonte Cibernética e a Zona Infantil, são um convite ao lazer, à tranquilidade, à reflexão e à criatividade, que com a zona desportiva perfazem a intenção de tornar o Parque dos Poetas num espaço diversificado, mas único no seu todo.

Escultores

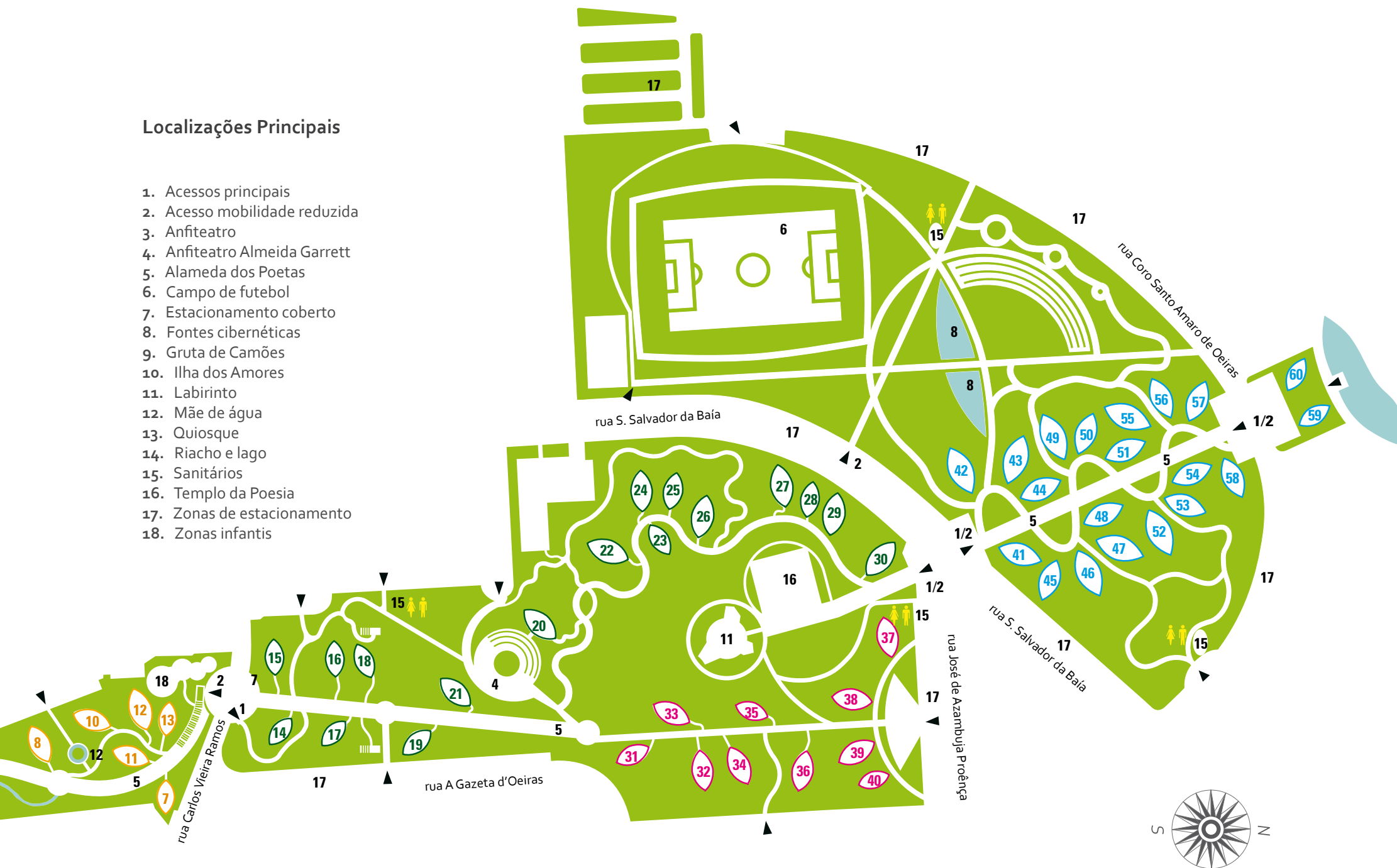
- 23. Álvaro Carneiro
- 25. Álvaro Raposo de França
- 15. António Matos
- 4. António Vidigal
- 13. Armindo Alípio Pinto
- 37. Carlos Marreiros
- 18. Clara Menéres
- 14. Cristina Ataíde
- 35. Dódo das Máscaras
- 27. Fernando Conduto
- 38. Flávio Miranda
- 32. Francisco Brennand
- 40. Francisco Menezes
- 41 a 60 e 9. Francisco Simões
- 1. Graça Costa Cabral
- 10. Gustavo Bastos
- 17. Hélder Coelho Batista
- 8. Irene Vilar
- 19. João Antero
- 20. João Cutileiro
- 29. João Jorge Duarte
- 11. João Oom
- 3. José Aurélio
- 7. José João Brito
- 6. José Rodrigues
- 5. Lagoa Henriques
- 30. Laranjeira Santos
- 36. Leão Lopes





- 26. Luísa Perienes
- 31. Mário Cravo Júnior
- 24. Moisés Preto Paulo
- 21. Pedro Cabrita Reis
- 16. Pedro Campos Rosado
- 2. Rui Matos
- 12. Susana Piteira
- 22. Zulmiro de Carvalho



Localizações Principais

1. Acessos principais
2. Acesso mobilidade reduzida
3. Anfiteatro
4. Anfiteatro Almeida Garrett
5. Alameda dos Poetas
6. Campo de futebol
7. Estacionamento coberto
8. Fontes cibernéticas
9. Gruta de Camões
10. Ilha dos Amores
11. Labirinto
12. Mãe de água
13. Quiosque
14. Riacho e lago
15. Sanitários
16. Templo da Poesia
17. Zonas de estacionamento
18. Zonas infantis



-  13 Trovadores (séc. XII) aos Poetas da Renascença (séc. XVII)
-  17 Poetas do Barroco (Séc. XVIII) aos Poetas do Romântico (Séc. XIX)
-  10 Poetas dos países ou territórios de expressão ou cultura portuguesa
-  20 Poetas do século XX



jardim
1

D.DINIS (1261 / 1325)

__ Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

__ Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que mi á jurado!
Ai Deus, e u é?

(...)



Trovadores
(séc. XII)
aos **Poetas**
da Renascença
(séc. XVII)

João Roiz de Castel-Branco (meados do séc.XV /1515)

Cantiga, partindo-se

*Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.*

*Tão tristes, tão saudosos
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.*

*Partem tão tristes os tristes
tão fora d'esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.*

jardim

2



jardim

3

Gil Vicente (1465 / 1537)

Auto (de moralidade) da Barca do inferno

...

*À barca, à barca segura!
Guardar da barca perdida!
à barca, à barca da vida!*

*Senhores, que trabalhais
pela vida transitória,
memória, por Deus, memória
deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais!
Porém, na vida perdida
se perde a barca da vida.*

...





Garcia de Resende (1470 / 1536)

Trovas à morte de D. Inês de Castro

...
*Qual será o coração
tão cru e sem piedade,
que lhe não cause paixão
uma tão grã crueldade*

*e morte tão sem razão?
Triste de mim, inocente,
que, por ter muito fervente
lealdade, fé, amor
ao príncipe, meu senhor,
me mataram cruamente!*

...

jardim
5

Bernardim Ribeiro (1480 / 1552)

Écloga li

*Dizem que havia um pastor
antre Tejo e Odiana,
que era perdido de amor
per da moça Joana.
Joana patas guardava*

*pela ribeira do Tejo,
seu pai acerca morava
e o pastor de Alentejo
era, e Jano se chamava.*

...





Sá de Miranda

(1481 / 1558)

Trova à maneira antiga

*Comigo me desavim,
Sou posto em todo o perigo;
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.
Com dor da gente fugia,*

*Antes que esta assim crescesse;
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meio espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo,
Tamanho imigo de mim?*



Cristóvão Falcão (1512 / 1557)

jardim

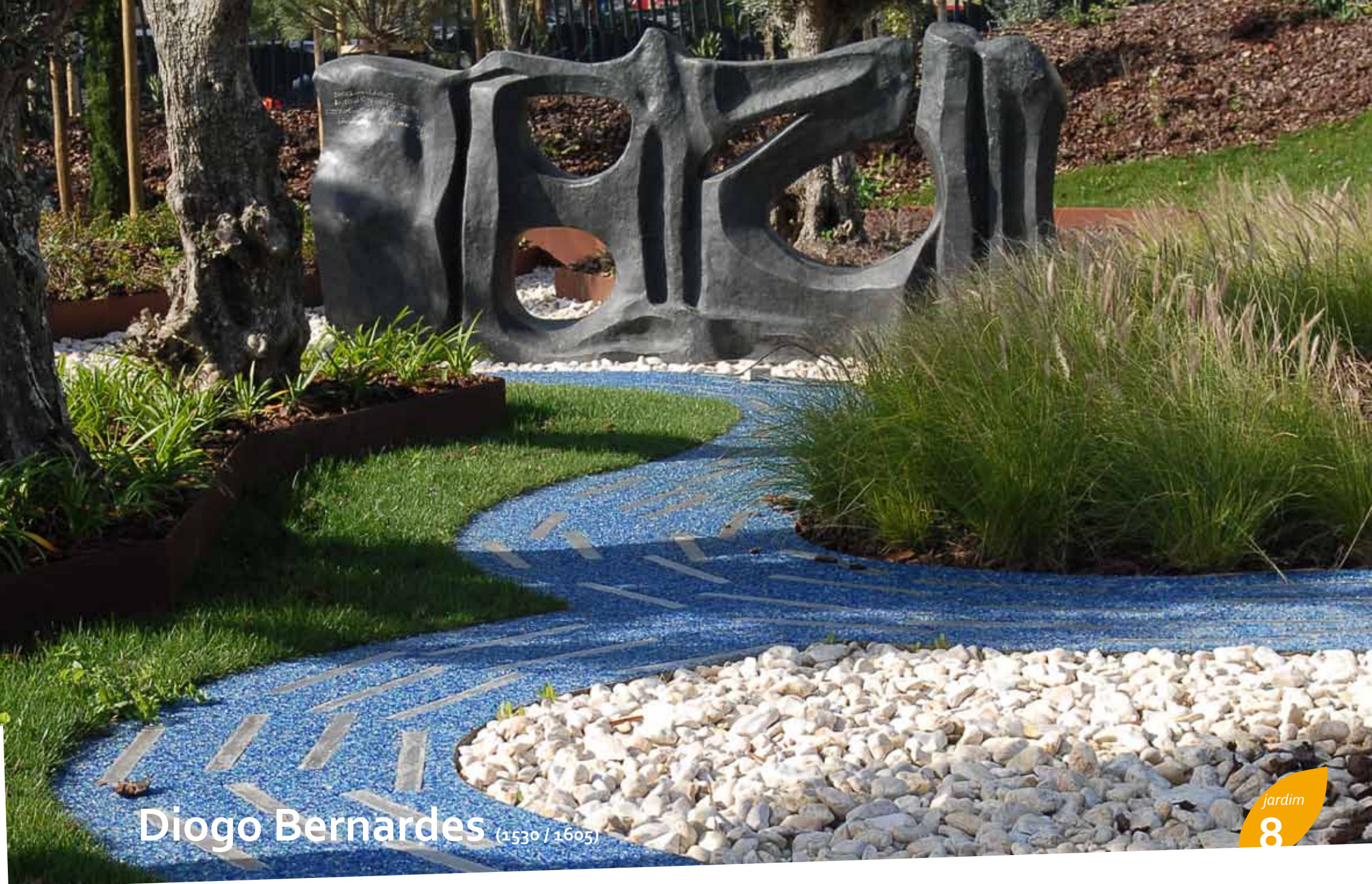
7

Crisfal

*Entre Sintra, a mui prezada,
e serra de Ribatejo
que Arrábida é chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete na água salgada,*

*houve um pastor e pastora,
que com tanto amor se amaram
como males lhe causaram
este bem, que nunca fora,
pois foi o que não cuidaram.*

...



Diogo Bernardes (1530 / 1605)

jardim

8

*Meu pátrio Lima, saudoso e brando,
Como não sentirá quem Amor sente,
Que partes deste vale descontente,
Donde também me parte suspirando?*

*Se tu, que livre vás, vás murmurando,
Que farei eu, cativo, estando ausente?
Onde descansarei de dor presente,
Que tu descansarás no mar entrando?*

...



jardim
9

Luís de Camões (1524 / 1580)

*Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*





António Ferreira

jardim
10

António Ferreira (1528 / 1569)

*A Castro
Acto IV*

Inês e o Rei

*.....Meu Senhor,
Esta he a mãe de teus netos.
Estes são Filhos daquelle filho, que tanto amas.
Esta he aquella coitada molher fraca,*

*Contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens. Bastava teu mandado
Pera eu segura, e livre t'esperar,
Em ti, e em minh'innocencia confiada.
Escusarás, Senhor, todo este estrondo
D'armas, e Cavaleiros; que não foge.
Nem se teme a innocencia, da justiça.
.....*



Francisco Rodrigues Lobo (1575 / 1621)

*Fermoso Tejo meu, quão diferente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.*

*A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
O meu viver contente ou descontente.*

*Já que somos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem. Oh! quem me dera
Que fôramos em tudo semelhantes!*

.....



Sóror Violante do Céu (1601ou 1602 / 1693)

...
*Considera que em terra convertida
Jaz aqui a beleza mais louvada,
E que tudo o da vida é pó, é nada,
E que menos que nada a tua vida.*

*Considera que a morte rigorosa
Não respeita beleza nem juízo
E que, sendo tão certa, é duvidosa.*

*Admite deste túmulo o aviso
E vive do teu fim mais cuidadosa,
Pois sabes que o teu fim é tão preciso.*



jardim
13

Frei Jerónimo Baía (1620 / 1688)

Falando com Deus

*Só vos conhece, amor, quem se conhece;
Só vos entende bem quem bem se entende;
Só quem se ofende a si, não vos ofende,
E só vos pode amar quem se aborrece.*

*Só quem se mortifica em vós floresce;
Só é Senhor de si quem se vos rende;
Só sabe pretender quem vos pretende,
E só sobe por vós quem por vós desce.*

*Quem tudo por vós perde, tudo ganha,
Pois tudo quanto há, tudo em vós cabe.
Ditoso quem no vosso amor se inflama,*

*Pois faz troca tão alta e tão estranha.
Mas só vos pode amar o que vos sabe,
Só vos pode saber o que vos ama.*



Poetas do Barroco
(Séc. XVIII)
aos
Poetas do Romântico
(Séc. XIX)

Correia Garção (1724 / 1771 ou 1772)

*Comigo minha Mãe brincando um dia
a namorar c'os olhos me ensinava,
mas Amor que em seus olhos me esperava
com mil brilhantes farpas me feria.*

*De quando em quando mais formosa ria
porque incapaz do ensino me julgava.
Porém tanto a lição me aproveitava
que suspirar por ela já sabia.*

*Em poucas horas aprendi a amá-la.
Ditoso se tal arte não soubera:
não me custara a vida não logrâ-la.*

*Certo que aprender menos melhor era
pois não soubera agora desejá-la
nem de tão louco amor enlouquecê-la.*



jardim
15

Filinto Elísio (1734 / 1819)

Soneto

*Estende o manto, estende, ó noite escura,
enluta de horror feio o alegre prado;
molda-o bem c'ó pesar dum desgraçado,
a quem as feições lembram da ventura.*

*Nubla as estrelas, céu, que esta amargura
em que se agora ceva o meu cuidado,
gostará de ver tudo assim trajado
da negra cor da minha desventura.*

*Ronquem roucos trovões, rasguem-se os ares,
rebente o mar em vão n'ocos rochedos,
solte-se o céu em grossas lanças de água.*

*Consolar-me só podem já pesares;
quero nutrir-me de arriscados medos,
quero saciar de mágoa a minha mágoa!*



Nicolau Tolentino (1740 / 1811)

jardim

16

O Colchão dentro do toucado

*Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a Mãe ordena
Que o furtado colchão, fofo e de pena,
A filha o ponha ali ou a criada.*

*A filha, moça esbelta e aperaltada
Lhe diz co'a doce voz que o ar serena:
"Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena!
Olhe não fique a casa arruinada..."*

*"Tu respondes assim? Tu zombas disto?
Tu cuidas que, por ter pai embarcado,
Já a Mãe não tem mãos?" E dizendo isto,*

*Arremete-lhe à cara e ao penteado.
Eis senão quando (caso nunca visto)
Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.*



jardim
17

José Anastácio da Cunha (1744 / 1787)

O Abraço

*«Alta rocha, sustém-me, que esmoreço!
De amor não sei se estou para expirar...
Como me anseia!... Enquanto não faleço,
Com a noite quero aqui desabafar.*

*Ó meu, ó meu amor, aonde fugiste,
Onde estou eu agora e onde estava?...
A alma começa a conhecer que existe
Que até agora sabia só que amava.*

...





Marquesa de Alorna (1750 / 1839)

*Se me aparto de ti, Deus de bondade,
Que ausência tão cruel! Como é possível
Que me leve a um abismo tão terrível
O pendor infeliz da humanidade!*

*Conforta-me, Senhor, que esta saudade
Me despedaça o coração sensível;
Se a teus olhos na cruz sou desprezível,
Não olhes para a minha iniquidade!*

*À suave esperança me entregaste,
E o preço de teu sangue precioso
Me afiança que não me abandonaste.*

*Se, justo, castigar-me te é forçoso,
Lembra-te que te amei, e me criaste
Para habitar contigo o Céu lustroso*





jardim
19

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765 / 1805)

Redondilhas

*Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu astro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:*

*Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!*

*Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:*

*Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!*



Almeida Garrett (1799 / 1854)

jardim
20

Barca Bela

*Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela,
Que é tão bela,
Oh pescador?*

*Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!*

*Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Oh pescador!*

*Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Oh pescador.*

*Pescador da barca bela,
Inda é tempo, fuge dela,
Fuge dela
Oh pescador!*



jardim
21

António Feliciano de Castilho (1800 / 1875)

Os treze anos (Cantilena)

*Já tenho treze anos,
que os fiz por Janeiro;
madrinha, casai-me
com Pedro Gaiteiro.*

*Já sou mulherzinha;
Já trago sombreiro;
já bailo ao Domingo,
co'as mais no terreiro.*

*Já não sou Anita,
como era primeiro,
sou a senhora Ana,
que mora no oiteiro.*



Alexandre Herculano (1810 / 1877)

Arrábida

I

*Salve, oh vale do sul, saudoso e belo!
Salve, oh pátria da paz, deserto santo,
Onde não ruge a grande voz das turbas!
Solo sagrado a Deus, pudesse ao mundo
O poeta fugir, cingir-se ao ermo,*

*Qual ao freixo robusto a frágil hera,
E a romagem do túmulo cumprindo,
Só conhecer, ao despertar na morte,
Essa vida sem mal, sem dor, sem termo,
Que íntima voz contínuo nos promete
No trânsito chamado o viver do homem.*



jardim
23

Soares dos Passos (1826 / 1860)

Canção

(...)

*E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer:*

*Que sons, que folgedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'infundo prazer.*

(...)





João de Deus (1830 / 1896)

(...)

*A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente,
Voa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,*

*Uma após outra lançou,
A vida - pena caída
Da asa de ave ferida-
De vale em vale impelida
A vida o vento a levou!*

(...)





jardim
25

Antero de Quental (1842 / 1891)

O Palácio da Ventura

*Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!*

*Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!*

(...)



Gomes Leal (1848 / 1921)

jardim
26

O visionário ou som e cor

1

Eu tenho ouvido as sinfonias das plantas.

*Eu sou um visionário, um sábio apedrejado,
passo a vida a fazer e a desfazer quimeras,
enquanto o mar produz o monstro azulejado
e Deus, em cima, faz as verdes primaveras.*

*Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,
e erro como estrangeiro ou homem doutras eras,
talvez por um contrato irónico lavrado
que fiz e já não sei noutras subtis esferas.*

*A espada da Teoria, o austero Pensamento,
não mataram em mim o antigo sentimento,
embriagam-me o Sol e os cânticos do dia...*

*E obedecendo ainda a meus velhos amores,
procuro em toda a parte a música das cores,
- e nas tintas da flor achei a Melodia.*



jardim
27

Guerra Junqueiro (1850 / 1923)

Canção de batalha

(...)

*Entra-nos pelo peito em borbotões joviais
Este sangue de luz que a madrugada entorna!
Poetas, que somos nós? Ferreiros d'arsenais;
É bater, é bater com alma na bigorna
As estrofes de bronze, as lanças e os punhais!*

*Acendei a fornalha enorme - a Inspiração.
Dai-lhe lenha, - a Verdade, a Justiça, o Direito
E harmonia e pureza, e febre e indignação;
E p'ra que a lavareda irrompa, abri o peito
E atirai ao braseiro, ardendo, o coração!*

(...)



Cesário Verde (1855 / 1886)

Ave - Marias

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia.
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

*O céu parece baixo e de neblina,
o gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba,
Toldam-se duma cor monótona e londrina.*

(...)



António Nobre (1867 / 1900)

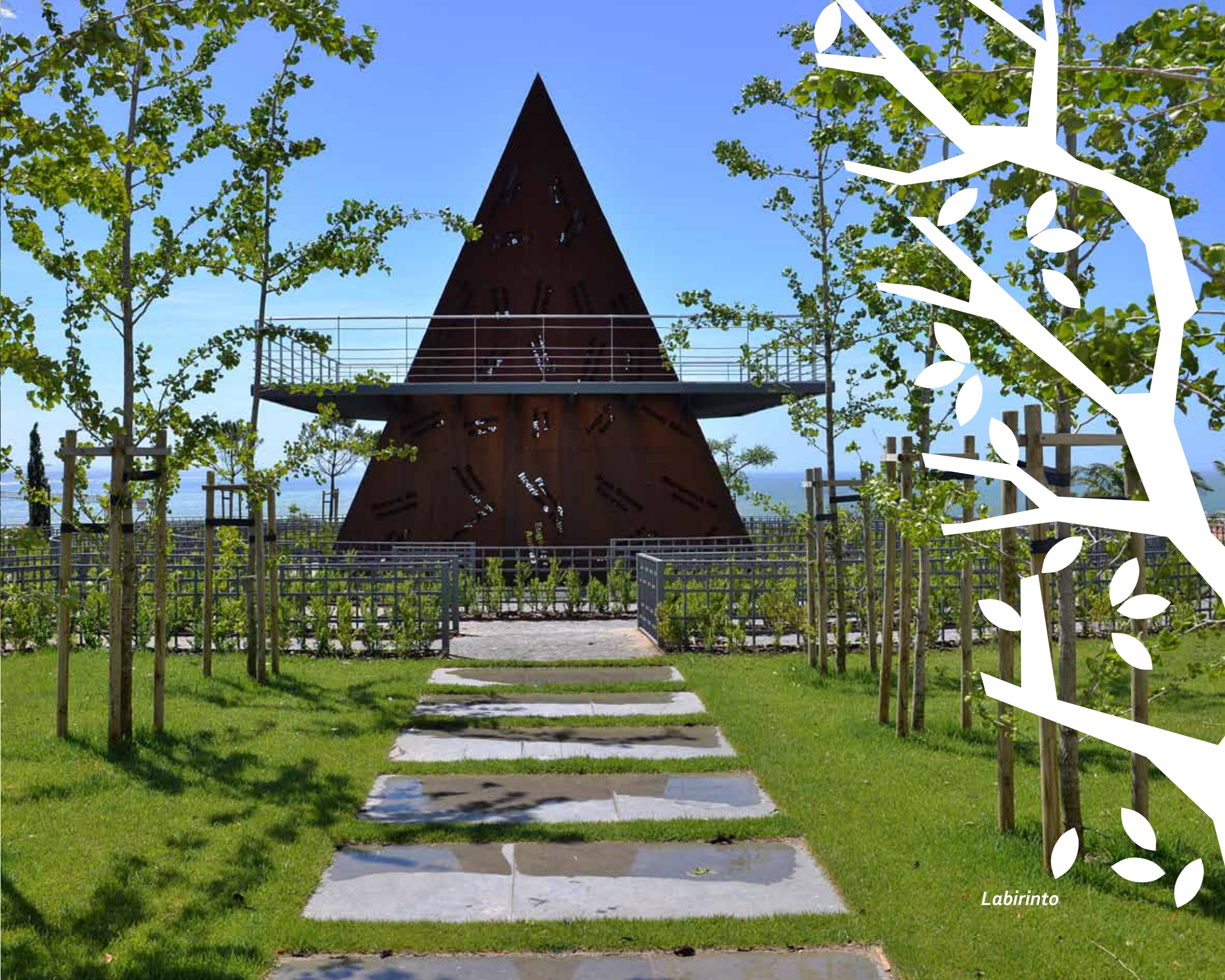
jardim
30

*E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inútil. Tudo é ilusão.
Quantos não cismam nisto mesmo a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!*


*Mas a Arte, o Lar, um filho, António? Embora!
Quimeras, sonhos, bolas de sabão.
E a tortura do Além e quem lá mora!
Isso é talvez, minha única aflição.*

*Toda a dor pode suportar-se, toda!
Mesmo a da noiva morta em plena boda,
Que por mortalha leva... essa que traz.*

*Mas uma não: é a dor do pensamento!
Ai quem me dera entrar nesse convento
Que há além da Morte e que se chama A Paz!*



Labirinto



Poetas
dos países
ou territórios
de expressão
ou cultura
portuguesa

jardim
31

Carlos Drummond de Andrade - *Brasil* (1902 / 1987)

No meio do caminho

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*



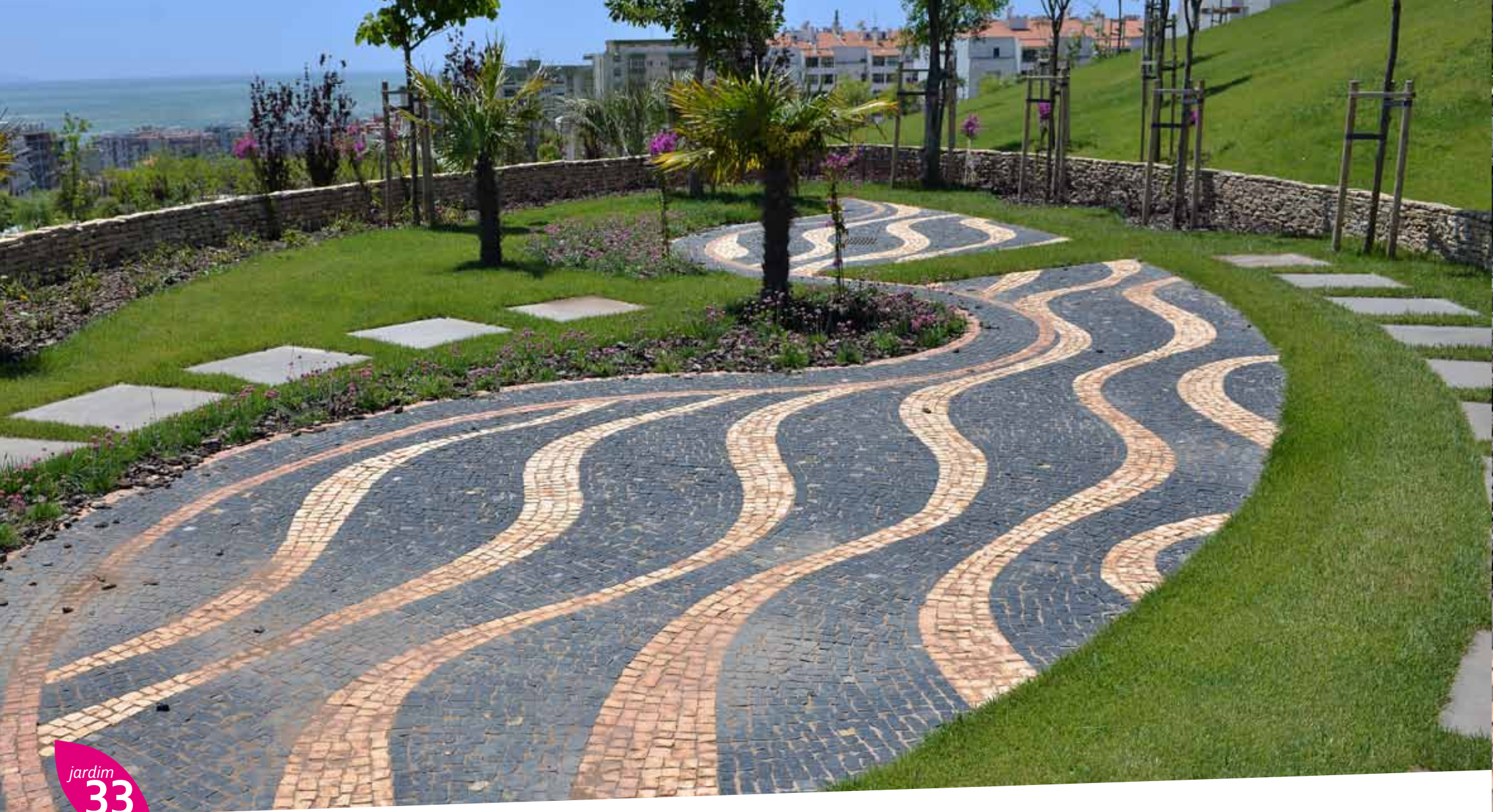
Manuel Bandeira - *Brasil*

(1886 / 1968)

*Entre estas Índias de leste
E as Índias ocidentais
Meus Deus que distância enorme
Quantos Oceanos Pacíficos
Quantos bancos de corais*

*Quantas frias latitudes!
Ilhas que a tormenta arrasa
Que os terremotos subvertem
Desoladas Marambais
Sirtes sereias Medéias*

*Púbis a não poder mais
Altos como a estrela d'alva
Longínquos como Oceanias
- Brancas, sobrenaturais -
Oh inacessíveis praias!...*



jardim
33

José Craveirinha - *Moçambique*

(1922 / 2003)

Um homem nunca chora

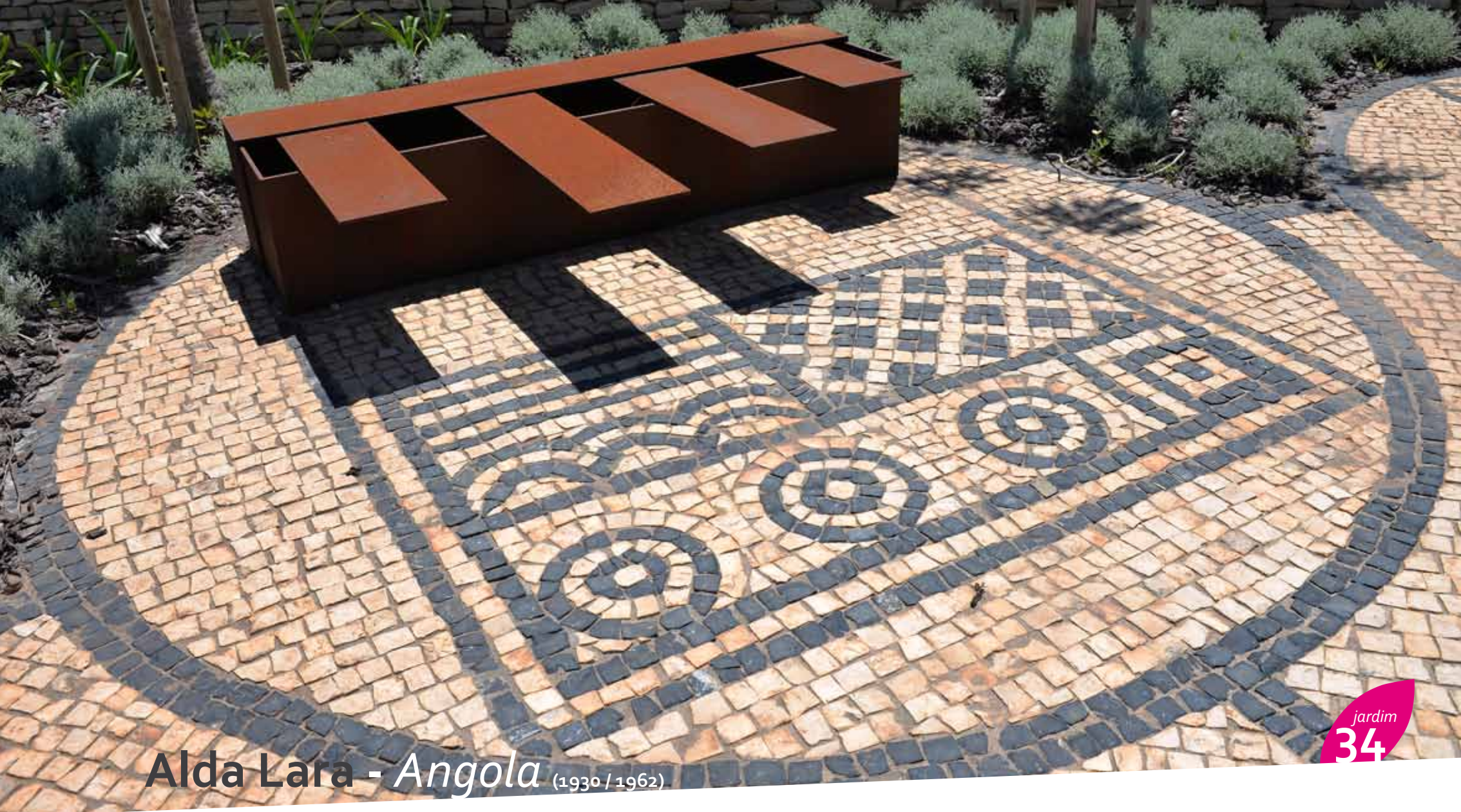
*Acreditava naquela história
do homem que nunca chora.*

Eu julgava-me um homem.

*Na adolescência
meus filmes de aventuras
punham-me muito longe de ser covarde
na arrogante criancice do herói de ferro.*

*Agora tremo.
E agora choro.*

*Como um homem tremo.
Como chora um homem!*



Alda Lara - Angola (1930 / 1962)

Prelúdio

*Pela estrada desce a noite
Mãe-Negra, desce com ela...*

*Nem buganvílias vermelhas,
nem vestidinhos de folhos,
nem brincadeiras de guizos,
nas suas mãos apertadas.*

*Só duas lágrimas grossas,
em duas faces cansadas.*

*Mãe-Negra tem voz de vento,
voz de silêncio batendo
nas folhas do cajueiro...*

(...)



jardim
35

Vasco Cabral - Guiné / Bissau

(1926 / 2005)

O último adeus dum combatente

*Naquela tarde em que eu parti e tu ficaste
sentimos, fundo, os dois a mágoa da saudade.
Por ver-te as lágrimas sangraram de verdade
sofri na alma um amargor quando choraste.*

*Ao despedir-me eu trouxe a dor que tu levaste!
Nem só teu amor me traz a felicidade.
Quando parti foi por amar a Humanidade.
Sim! Foi por isso que eu parti e tu ficaste!*

(...)



Jorge Barbosa - Cabo Verde (1902 / 1971)

Poema do mar

*O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!*

*O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,*

*desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,
roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...*

*O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações*

*nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!*

*O Mar!
a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!...*

(...)



José dos Santos Ferreira ou Adé – Macau (1919 / 1993)

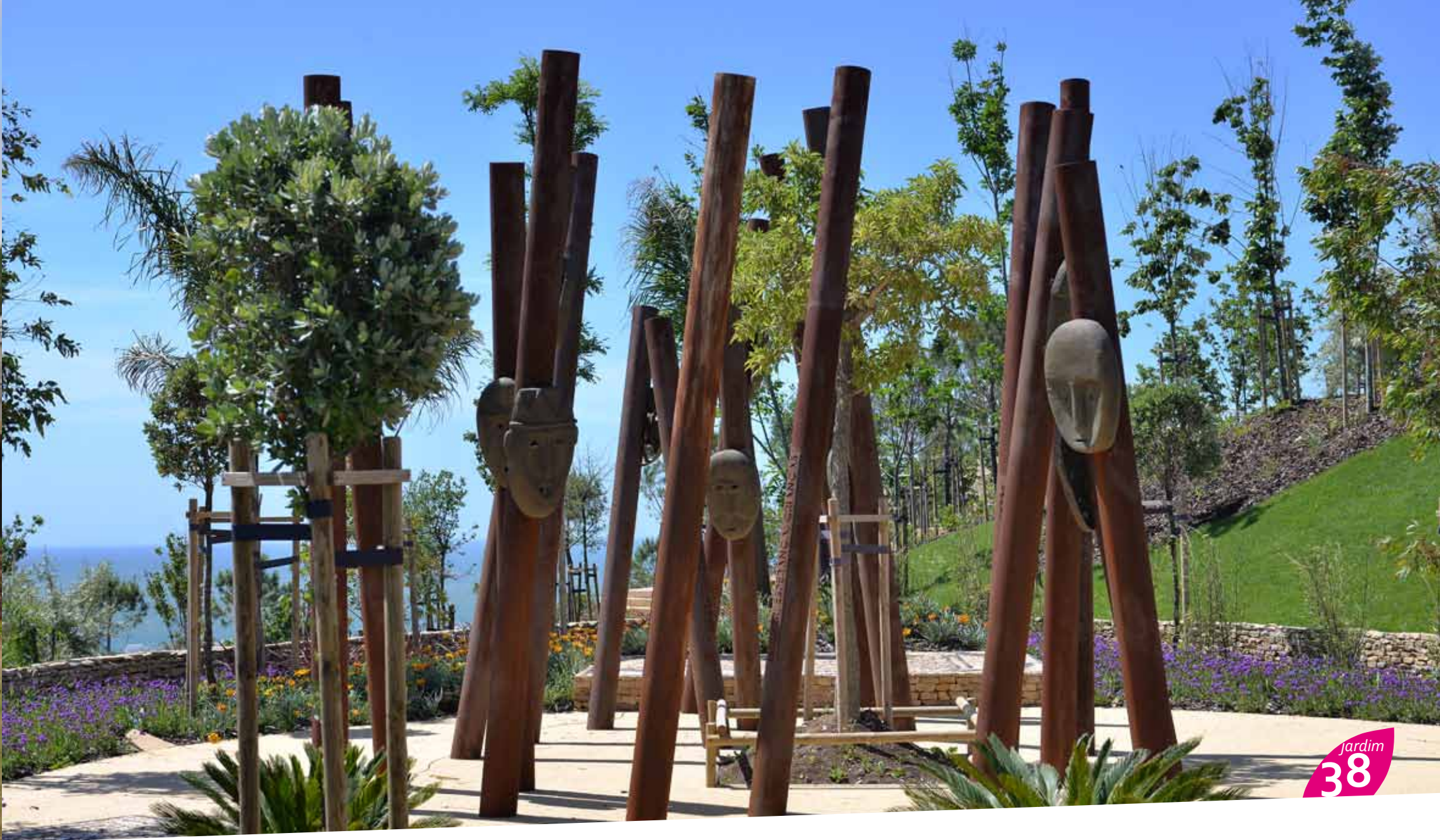
jardim

37

Poema de Macau

*Tu, Macau, de passado alegre e triste,
Fazes lembrar o céu quando varia de cor:
Dias em que o Sol brilha com graça,
Horas em que nuvens escuras retratam dor.*

*Se estás em sossego, há tranquilidade,
Todos gozam, riem às gargalhadas...
Vem a lestada, fustiga a ventania,
Uns ficam a chorar, outros se põem a fugir!*



Fernando Sylvan - *Timor* (1917 / 1993)

MENINAS E MENINOS

*Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de meninas e meninos
a defender a liberdade de armas na mão.*

*Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de cadáveres de meninos e meninas
que morreram a defender a liberdade de armas na
mão.*

*Todos já vimos!
E então?*



jardim

39

Alda do Espírito Santo - *São Tomé e Príncipe* (1926 / 2010)

Para lá da praia

*Baía morena da nossa terra
vem beijar os pezinhos agrestes
das nossas praias sedentas,
e canta, baía minha*

*os ventres inchados
da minha infância,
sonhos meus, ardentes
da minha gente pequena
lançada na areia*

*da praia morena
gemendo na areia
da Praia Gamboa.*

(...)



Adeodato Barreto - *Goa* (1905 / 1937)

As azinheiras

São como eu aquelas azinheiras do montado...

Como o verão alegre põe doçuras e sorrisos no côncavo estrelado,

aprestam, em sorrisos, seu toucado e vão erguendo ao céu os galhos novos.

Mas sob o verde-claro dos renovos o negro da tristeza se lhes adensa, em rama, tristemente nos abrigos;

a quem as vê por dentro já presente o inverno que ameaça a Natureza: -igual ao que adensa na minha alma, igual ao que não veem meus amigos...



Fontes cibernéticas e Anfiteatro



Templo da Poesia



jardim

41

Camilo Pessanha (1867-1926)

Poetas do
séc. XX

Rosas de inverno

*Corolas, que floristes
Ao sol de Inverno, avaro,
Tão glácido e tão claro
Por estas manhãs tristes,*

*Gloriosa floração,
Surdida, por engano,
No agonizar do ano,
Tão fora da estação!
...*



Teixeira de Pascoaes (1877-1952)

jardim
42

A sombra do homem

...

*Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo!
E agora, quem sou eu? Nesta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.*

*Chamo por mim; e a estrela me responde.
Chamo, de novo; e diz o mar: quem chama?
E diz-me a flor: onde é que estás? Aonde?
Vede a sorte terrível de quem ama!*

...



Mário de Sá Carneiro (1890-1916)

Quase

*Um pouco mais de sol - eu era brasa,
Um pouco mais de azul - eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...*

...

*Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim-quase a expansão...
Mas na minha alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!*

...



Florbela Espanca (1894-1930)

Ser poeta

*Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!*

*É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!*



jardim

45

José Gomes Ferreira (1900-1985)

Idílio de recomeço

VII

Não me tragam rosas.

*Não percas tempo a colhê-las
para enfeitar de estrelas
os meus sentidos.*

*Lembra-te de que nem todas as rosas
caem do sol
e há tantas, tantas, da cor dos punhais
escondidos!*



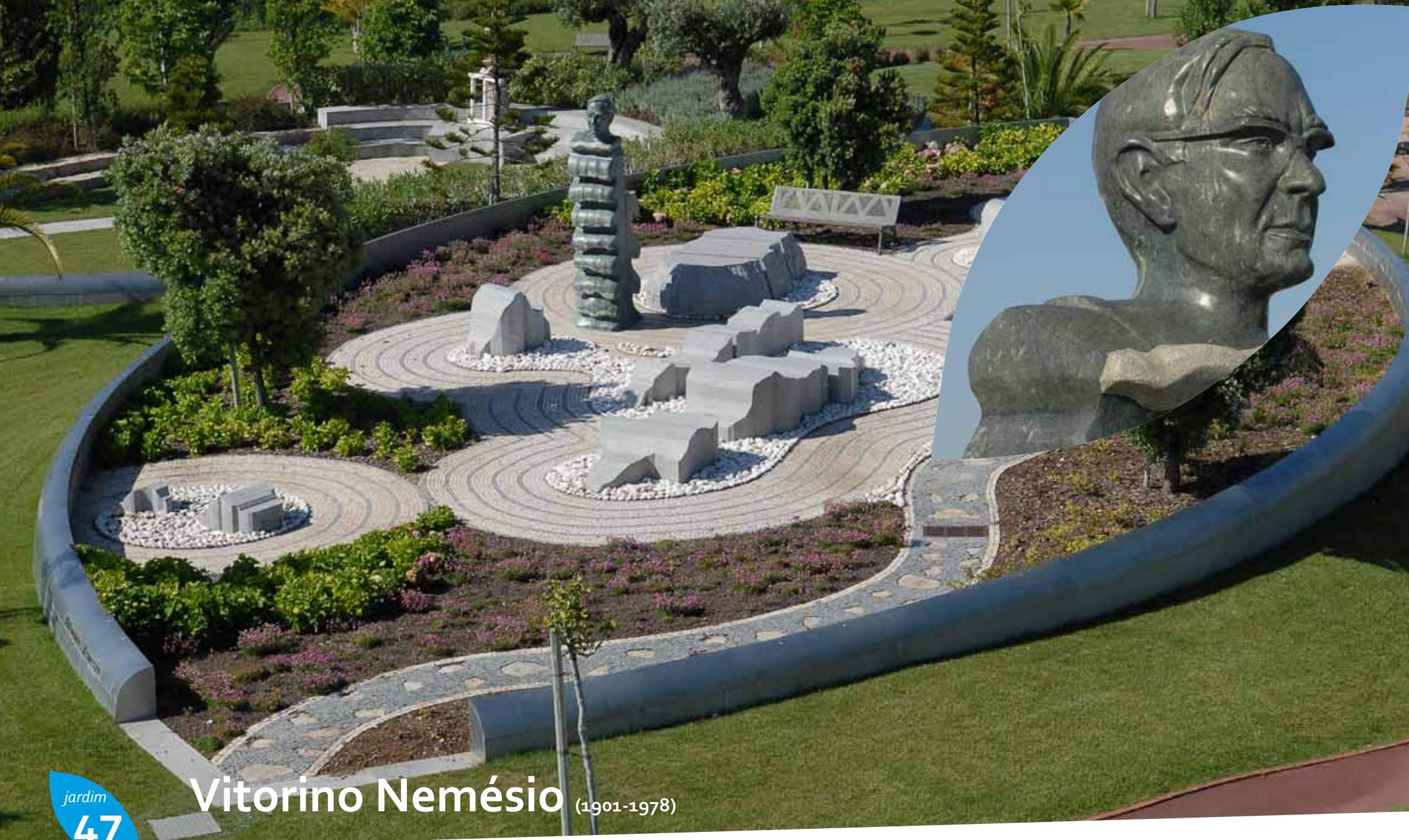
José Régio (1901-1969)

Cântico negro

.....

*Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou.*

*É uma onda que se levantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
-Sei que não vou por aí!*



Vitorino Nemésio (1901-1978)

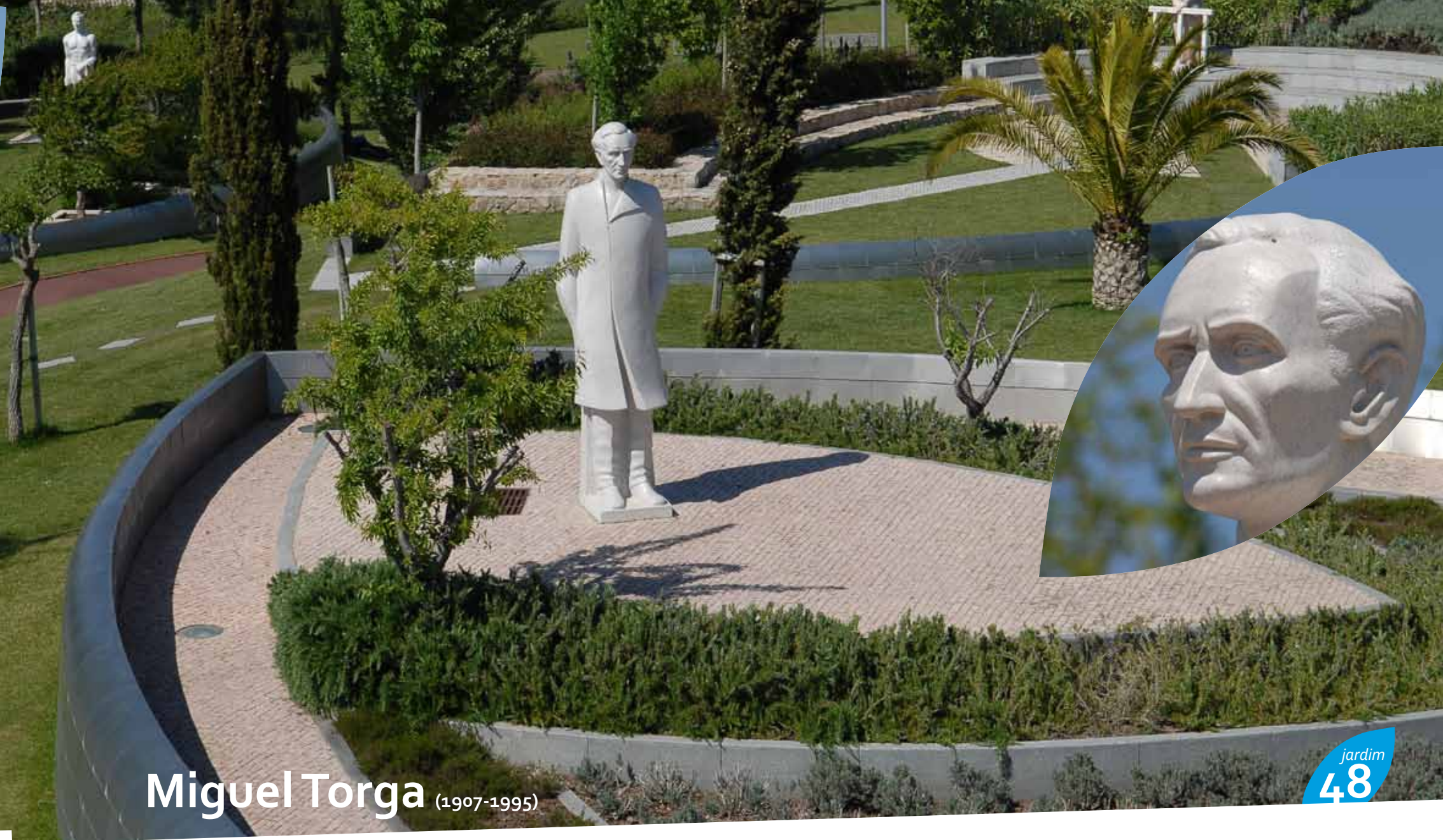
Fala das quatro flores

*Sou Arrogância e Beleza
Feitas carne vegetal,
E chamam Vossa Grandeza
Ao meu prestígio real.*

*- Disse a rosa. E a luta acesa
Entre as flores, o cravo leal
Volve: Eu, a mor gentileza,
Cavaleiro de S. Graal.*

*E o malmequer concretiza:
Eu sou como a Pitonisa
Da Grécia do Amor ideada.*

*Só a saudade-renúncia
Teve esta suma pronúncia:
Calou-se... e não disse nada.*



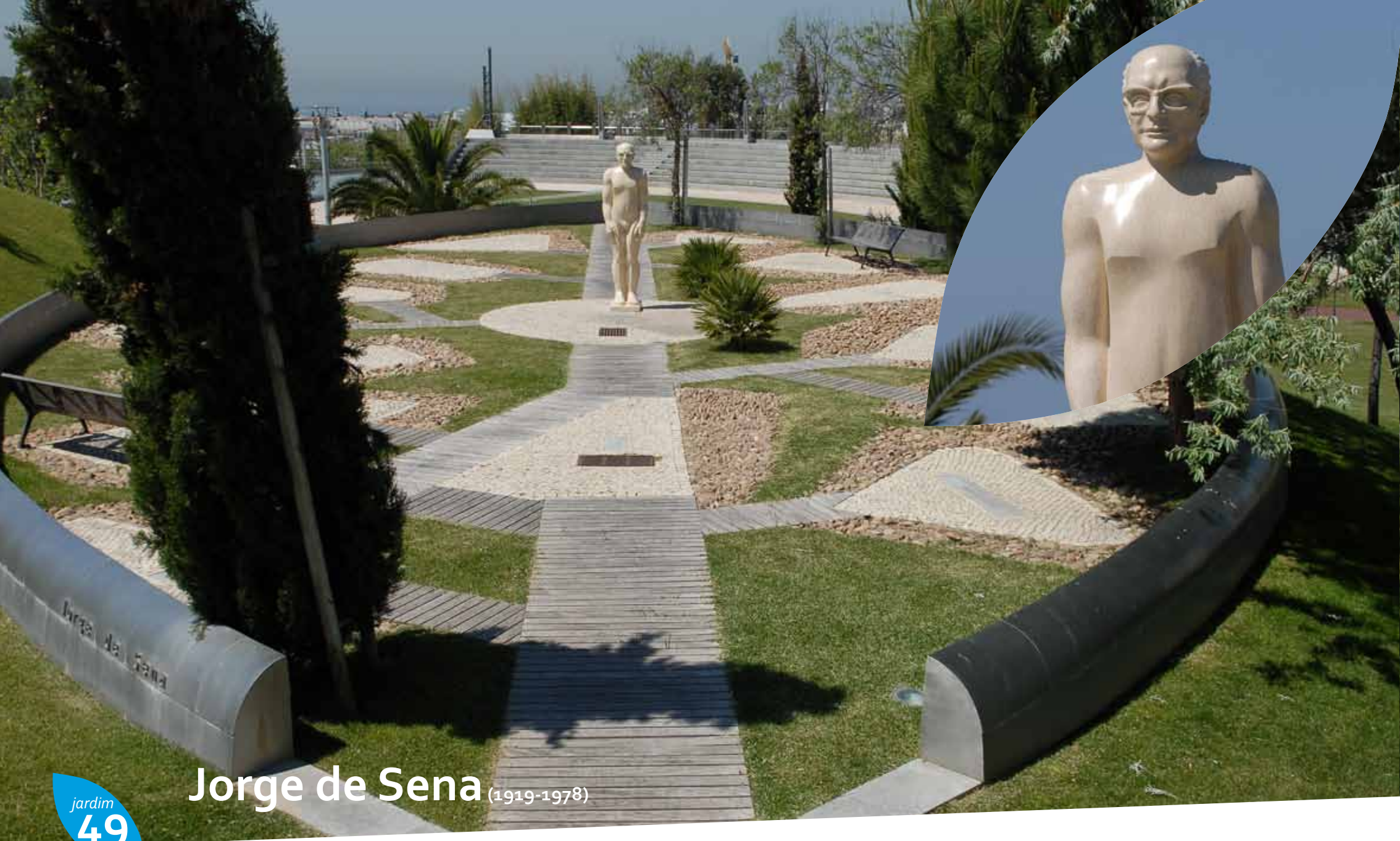
Miguel Torga (1907-1995)

jardim
48

Retrato

*O meu perfil é duro como o perfil do mundo.
Quem adivinha nele a graça da poesia?
Pedra talhada a pico e sofrimento,
É um muro hostil à volta do pomar.*

*Lá dentro há frutos, há frescura, há quanto
Faz um poema doce e desejado;
Mas quem passa na rua
Nem sequer sonha que do outro lado
A paisagem da vida continua.*



Jorge de Sena (1919-1978)

jardim

49

Water music, de Häendel

*Sobre o rio descem
cordas e madeiras
e remos a metais.*

*É como o sol nas águas, no arvoredo verde
que as águas reverdece de verdura e sombra.*

*Crepitam trompas e destilam flautas
na cressa ondulação que as proas tangem
e morre em margens de oboé e bombo,
cadenciando o choque das remadas de ouro.*



Sophia de Mello Breyner Andresen

(1919 - 2004)

Jardim
50

Este é o tempo

*Este é o tempo
Da selva mais obscura*

*Até o ar azul se tornou grades
E a luz do sol se tornou impura*

*Esta é a noite
Densa dos chacais
Pesada de amargura*

*Este é o tempo em que os
homens renunciam.*



jardim

51

Carlos de Oliveira

(1921-1981)

Infância

...

*Tão pequenas
A infância, a terra.
Com tão pouco
Mistério.*

*Chamo às estrelas
Rosas.*

*E a terra, a infância,
Crescem
No seu jardim
Aéreo.*





Natália Correia (1923-1993)

jardim

52

A defesa do poeta

*Senhores jurados sou um poeta
um multipétalo uivo um defeito
e ando com uma camisa de vento
ao contrário do esqueleto*

...

*Senhores banqueiros sois a cidade
o vosso enfarte serei
não há cidade sem o parque
do sono que vos roubei*

...

*Sou uma impudência a mesa posta
de um verso onde o possa escrever
ó subalimentados do sonho!
a poesia é para comer.*



Eugénio de Andrade (1923 - 2005)

jardim
53

Urgentemente

*É urgente o amor
É urgente um barco no mar*

É urgente destruir certas palavras,

*ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos, muitas espadas.*

*É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios*

e manhãs claras.

*Cai o silêncio nos ombros e a luz
impura, até doer.
É urgente o amor, é urgente
permanecer.*



Manuel Alegre (1936)

*Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
o vento nada me diz.*

...

*Mas há sempre uma candeia
dentro da própria desgraça
há sempre alguém que semeia
canções no vento que passa.*

*Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.*



jardim
55

Fernando Pessoa (1888-1935)

Mensagem

....

X. MAR PORTUGUÊS

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!*

*Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

....



Alexandre O' Neill (1924-1986)

A uma oliveira

*Muito antes de Os Lusíadas diz-se que
já aqui estavas.*

*Pré-camoniana,
sazão a sazão,
foste varejada séculos a fio.*

*O pinho viajou.
Tu ficaste.*

*Ao som bárbaro de um rádio de pilhas,
desdobram toalhas
na tua sombra rala.*



jardim
57

António Ramos Rosa (1924 - 2013)

Não posso adiar o amor

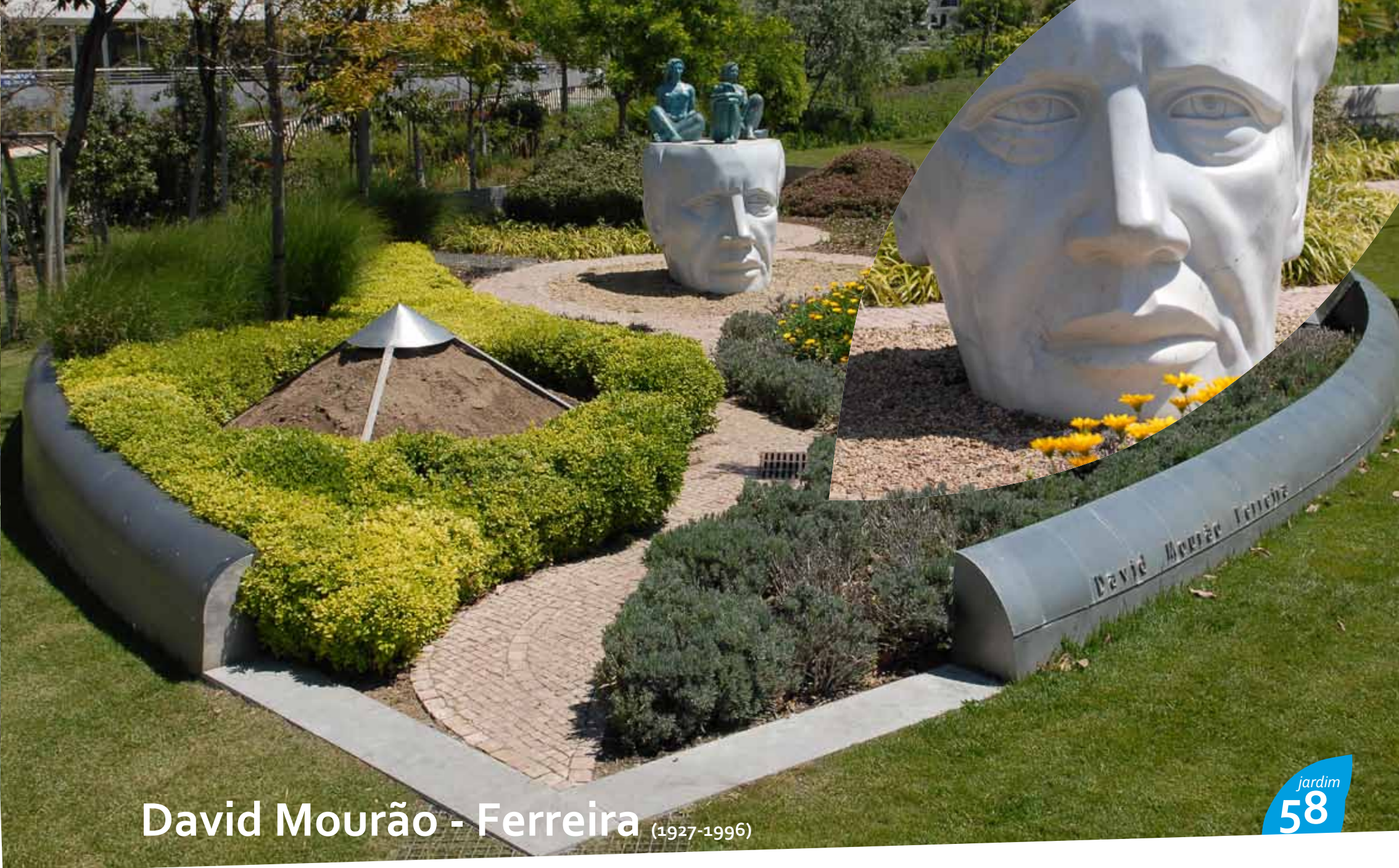
*Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
sob montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas*

*Não posso adiar este abraço
que é uma arma de dois gumes
amor e ódio*

*Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida*

*nem o meu amor
nem o meu grito de libertação*

Não posso adiar o coração



David Mourão - Ferreira (1927-1996)

E por vezes

*E por vezes as noites duram meses
E por vezes os meses oceanos
E por vezes os braços que apertamos
nunca mais são os mesmos E por vezes*

*encontramos de nós em poucos meses
o que a noite nos fez em muitos anos
E por vezes fingimos que lembramos
E por vezes lembramos que por vezes*

*ao tomarmos o gosto aos oceanos
só o sarro das noites não dos meses
lá no fundo dos copos encontramos*

*E por vezes sorrimos ou choramos
E por vezes por vezes ah por vezes
num segundo se evolvem tantos anos*



jardim
60

António Gedeão (1906-1997)

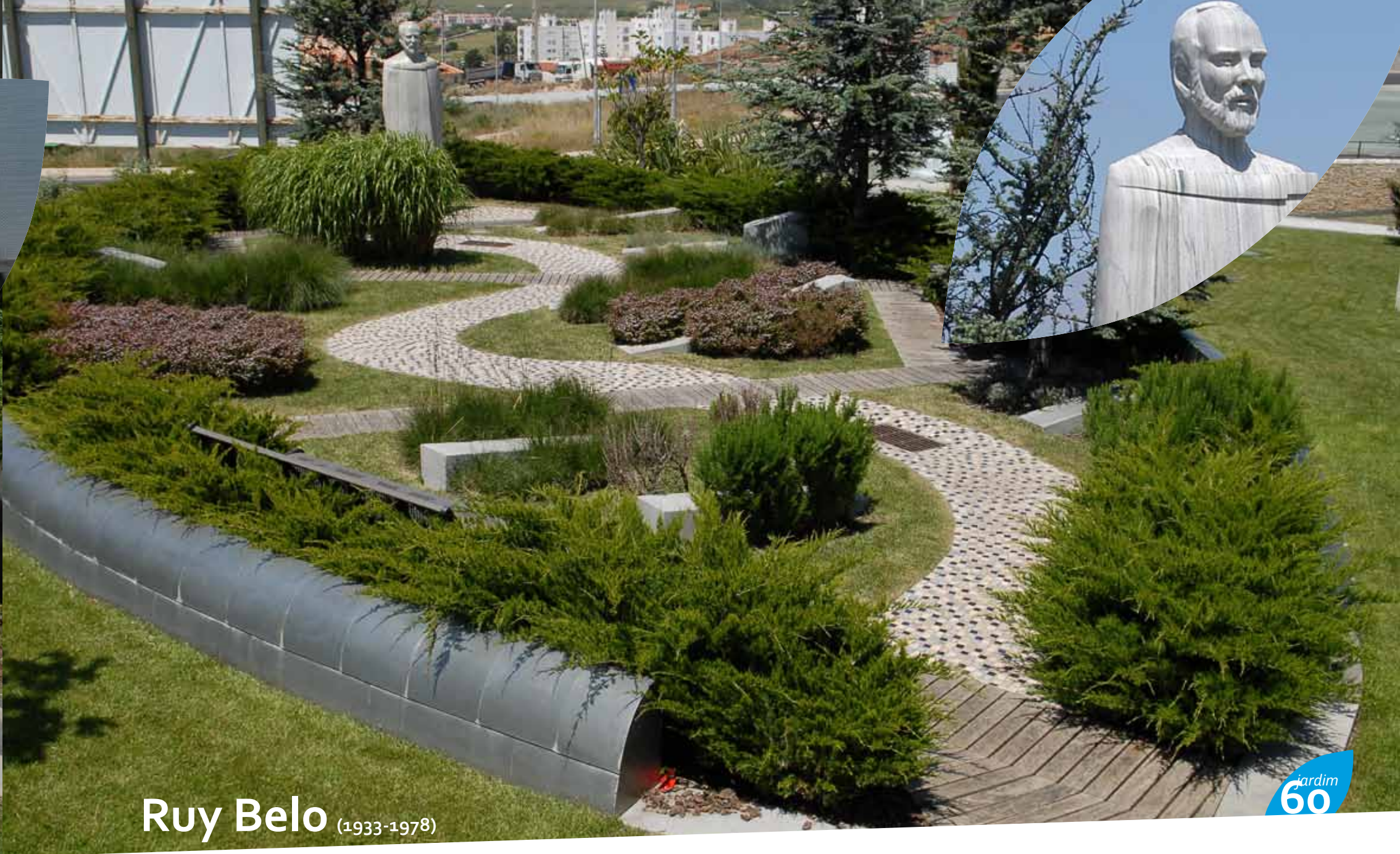
Lágrima de preta

*Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.*

.....

*Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:*

*Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.*



Ruy Belo (1933-1978)

Quanto morre um homem

*Quando eu um dia decisivamente voltar a face
daquelas coisas que só de perfil contemplei
quem procurará nelas as linhas do teu rosto?
Quem dará o teu nome a todas as ruas*

*que encontrar no coração e na cidade?
Quem te porá como fruto nas árvores ou como paisagem
no brilho de olhos lavados nas quatro estações?
Quando toda a alegria for clandestina
alguém te dobrará em cada esquina?*



Conjunto Escultórico "Reunião com Poetas" - Praça do Memorial



Entrada norte - Alameda dos Poetas

